

**CORREIO DA ROÇA: O SER MULHER NO FAZER AGRÍCOLA NA BELLE
ÉPOQUE BRASILEIRA***

ROMAIR ALVES DE OLIVEIRA
RODRIGO GOUVÊA RODRIGUES*****

Resumo: Este artigo tem como objetivo central tecer comentários analíticos sobre a inserção da presença feminina no contexto agrícola por meio da obra *Correio da Roça* de Júlia Lopes de Almeida nas primeiras décadas do século XX, no qual a terra desejada, muitas vezes, sinônimo de felicidade, tranquilidade, fecundidade, fartura, trabalho e abundância e aclamada como um lugar idílico cantada em prosa e versos vem através do labor de mulheres dar novos ares à administração feminina em um espaço totalmente falocêntrico.

Palavras-Chave: Literatura, Campo e Mulher.

**CORREIO DA ROÇA: BEING WOMAN WHEN WORKING AT AGRICULTURE
SPACE IN BRAZILIAN BELLE ÉPOQUE**

Abstract: This paper has as main goal to talk about the insertion of the female presence in the agricultural context with the work *Correio da Roça* from Júlia Lopes de Almeida at the beginning of the decades from 20th century in which the desired land is, sometimes, synonym of happiness, security, fertility, wealth, job, abundance and acclaimed as an idyllic place sang in prose and verses comes throughout women's labour to give fresh air to feminist management in a space totally phallogocentric.

Key words: Literature, Countryside and Woman.

Instrução: A preparação do terreno

A terra que desejada por muitos por direitos, posses, envoltas em disputas corpo a corpo, armadas ou não, levadas em inúmeras brigas judiciais que envolvem não somente o ser lavrador que ama a terra, mas sim que serve para interesses políticos e sociais que nem sempre são interesses realmente dos que querem um lugar para “plantar e pra colher” e sim para servir de negociatas que vão além do que realmente interessa ao homem do campo.

Nosso trabalho, embasado no romance epistolar denominado *Correio da Roça* (1913)

* Trabalho realizado a partir de discussões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo (GEPEC/UFT, Arraias-TO).

** Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em Literatura e Cultura pela UFPB e Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) na Universidade Federal de Goiás (UFG) com supervisão do Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo. E-mail: romairoliveira@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7292210599198462>.

*** Técnico em Assuntos Educacionais na UFT/Arraias. Graduado em Letras/Inglês e Especialista em Docência para o Ensino Superior e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo (GEPEC/UFT, Arraias-TO). E-mail. rodrigogouvea@uft.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4085568145308867>.

da escritora Julia Lopes de Almeida (1862-1934) da chamada belle époque brasileira, pretende mostrar como se dá a inserção de mulheres criadas e educadas na zona urbana, no espaço rural do início do século XX em um espaço com predominantemente ocupado pelo masculino.

Assim para não adentrarmos de forma súbita em área ásperas da nossa formação histórico/cultural iremos começar nossos primeiros passos dando a palavra aos poetas/músicos que 1977 conseguiram expressar a universalidade da significação do ser terra:

Debulhar o trigo / Recolher cada bago do trigo/Forjar do trigo o milagre do pão/E se fartar de pão/ Decepar a cana/ recolher a garapa da cana/roubar na cana a doçura do mel/Se lambuzar de mel/ Afagar a terra/ Conhecer os desejos da terra/Cio da terra, a propícia estação/ E fecundar o chão (MILTON NASCIMENTO E CHICO BUARQUE).

A música O cio da terra autoria de Milton Nascimento e Chico Buarque (1977) que, segundo entrevista de Chico para a Revista Versus foi composta por Milton Nascimento tendo como inspiração as cantigas de mulheres camponesas na colheita do algodão, possuindo um ritmo bastante solto e uma estrutura musical quebrada, que a meu ver lembra uma espécie de ladainha, tipo um lamento, muito utilizada em festividades religiosas nas áreas rurais. Enfim, a canção O Cio da Terra é uma de trabalho agrário com música de Milton Nascimento e letras Chico Buarque que apresenta acordes semelhantes às músicas latino americanas de exaltação a terra.

A junção de letra/música na canção O cio da terra dar uma conotação de que o trabalho agrário, embora pesado, tem algo de religioso, sagrado, milagroso, onde o poder de transformação dos elementos produzidos na terra se transforma como se um poder maior que une o divino/terreno em um só processo que integra homem e terra e os frutos produzidos neste espaço de labor e constituem assim em uma melodia prazerosa que nos conduzem por caminhos que nos unem a questão de terra/natureza, cultura, família e religião.

A letra da canção é estruturada com verbos infinitivos que dar ao texto um elo entre ação/objeto que resulta em um produto compartilhado por todos os seres da sociedade seja ela agrária ou não. Percebe-se, claramente, que o texto/música traz uma carga de inspiração poética que nos permite ir além do texto, uma vez que nos leva por estradas sinuosas de nossas relações intrínsecas que envolvem características relacionadas com nossas atividades culturais, que estão alicerçadas em educação que nos unem as questões de natureza em nossa construção de ser no espaço sócio/cultural e histórico numa tríade natureza/homem/divino.

Cabe ressaltar, que a música caracterizada como meio de expressão artística tem como

representar espaços da sociedade, esquecidos ou não, que permitem serem analisados em um contexto historiográfico, seja pela sua representação nos espaços de sua realidade cultural ou não. Espaços estes, muitas das vezes esquecidos ou relegados a outros planos que não representam interesse de nossos governantes.

Portanto a música vêm reavivar, setores esquecidos ou silenciados em nossas memórias, os movimentos populares de classes e o nosso **ser** e **estar** na sociedade, constituindo um processo histórico de lutas que hoje conhecemos através de vários musicais que expressam nossa história/política/cultural e que são de certa forma fontes documentais para o nosso conhecimento e compreensão de nossa realidade histórica.

A plantação: Conhecimento/ Educação

A literatura de autoria feminina no século XIX vem retratar não a questão de Nação, mas a condição vivenciada pela mulher naquele século, condição essa diferenciada em relação a outros países, principalmente europeus. Devido ao contexto histórico brasileiro de resquícios coloniais, a mulher brasileira não acompanhou as transformações sociais e culturais, especificadamente no âmbito educacional.

As normas estabelecidas pelo patriarcado se diferenciam para os dois sexos e legalizam os valores masculinos, assegurando aos homens poder pelo qual delineavam o destino da mulher. Segundo Beauvoir (1980) o **tornar-se mulher** é a maneira como as sociedades patriarcais perpetuam os modelos de feminilidade, domesticando as mulheres e evitando qualquer possibilidade de desvio dos valores socioculturais existentes no patriarcado.

Percebe-se que um reconhecimento mútuo de dois sujeitos, homem e mulher, não é admissível na sociedade patriarcal. A mulher serve como projeção da esperança e angústia do homem que vê nela, mas um objeto seu do que um ser humano com desejos e insatisfações. Ele, o homem, vê nela uma mediadora da natureza. O feminino é, assim, definido como um ser que assenta em si próprio, realizando-se completamente no presente de sua realidade de subserviência.

A proposta reivindicatória de Júlia Lopes de Almeida pela instrução feminina estava ligada ao conhecimento prático, ao engajamento da mulher num universo produtivo e formador da nacionalidade brasileira, descartando alguns comportamentos de caráter tradicionais que revelavam a ociosidade, a inferioridade e, fundamentalmente, o despreparo

para a vida social efetiva.

Nosso artigo tem como objetivo central tecer comentários analíticos embasados no texto literário epistolar *Correio da Roça* (1913) sobre a inserção da presença feminina no contexto agrícola através da obra de Júlia Lopes de Almeida nas primeiras décadas do século XX, no qual a terra desejada, muitas vezes, sinônimo de felicidade, tranquilidade, fecundidade, fartura, trabalho e abundância e aclamada como um lugar idílico cantada em prosa e versos vem através do labor de mulheres dar ares novos à administração feminina em um espaço totalmente falocêntrico.

No findar das luzes do século XIX e início do século XX o Brasil passar por um processo de mudanças e transformações de forma rápida com intuito de consolidação da nova república, e seguindo modelos europeus que era voga naqueles tempos. A sociedade clamava por mudanças significativas como uma forma de renovação de antigos hábitos resquícios da monarquia, mudanças estas que envolvia a mudança comportamental na de homens e mulheres. Sendo que processo acelerado de mudanças que o país vivia refletia principalmente na urbanização das cidades, em detrimento do meio rural.

As mulheres neste novo contexto já não apresentam mais uma subordinação excessiva em relação ao período monárquico, elas já começam a ser integradas no espaço outrora reservado ao masculino, e assim começam a vivenciar situações políticas e culturais que se passa no emergente país.

Neste momento de transição que passa a nação brasileira a presença da romancista Júlia Lopes de Almeida, já renomada na época com uma vasta produção literária e com sua forma peculiar de escrita voltada para a condição feminina clamando por educação e trabalho para suas companheiras, vem representar este período com outras importantes obras, entre elas, *O Livro das Donas e Donzelas* (1906) e algumas peças teatrais como *Quem não perdoa* (1912).

A escritora que fazia parte da classe burguesa e elitista, já pertencia ao mundo das letras e aceita no contexto intelectual e considerada a primeira dama da chamada belle époque carioca nos fins do século XIX e início do XX. Porém, diferentemente da maioria dos escritores, intelectuais da época, D. Júlia, como era conhecida, procurava retratar em suas obras não somente a burguesia, mas também as classes marginais, pescadores, operários e, sobretudo as mulheres de diferentes camadas sociais.

Devemos ressaltar que este período conhecido como a Belle Époque Carioca, caracterizado pelos modelos das estéticas europeias embasadas principalmente em características vinda da França. Estes modelos de influências europeias no início do século XX modificaram a sociedade e também a arquitetura da capital brasileira na época, a cidade do Rio de Janeiro alterando seu plano diretor de urbanização e muitas de suas características arcaicas remanescentes do período colonial.

O então, Distrito Federal servia de porta de entrada dos novos conceitos culturais e partindo da capital federal, cidade polo, é que eram expandidos para outros lugares no Brasil, principalmente a cidade de São Paulo e assim por diante.

Nesta época a modernidade entrava e era exalada através do Distrito Federal. Ali estava a elite pensante brasileira e estrangeira: política, cultural, intelectual e científica. O sucesso profissional ou em outras áreas tinha nome e lugar, Rio de Janeiro.

Júlia Lopes de Almeida usava o tom didático para incentivar comportamentos emancipatórios que fossem socialmente aceitos. Em outros livros, e até mesmo em alguns textos didáticos, ela expressa sua consciência da injusta condição de inferioridade feminina e revela, em sua escrita, que a mulher poderia contribuir, ativamente, para o desenvolvimento da nação.

O texto almeidiano, ao associar educação e trabalho, mostra o quanto ambos podem transformar realidades no universo feminino. Júlia Lopes de Almeida encarou a questão da educação feminina e ajudou a promover a inserção da mulher no centro dos debates que agitaram o apagar das luzes do século XIX.

A escritora Júlia Lopes, estrategicamente, aceita mostrar para sociedade da época que as mudanças da condição feminina, primeiramente, deveriam partir de suas atitudes de liberdade, da independência via trabalho profissional e da instrução.

Ao conhecer um pouco do percurso da mulher na luta pelos seus direitos, bem como o processo de construção ideológica que rompe com a perspectiva que naturalizava a subordinação e a inferioridade da mulher, pode-se avaliar melhor a contribuição de Júlia Lopes de Almeida. Através de sua escrita, ela expôs a posição da mulher como o **Segundo Sexo**, contribuindo, assim, para a elevação do seu *status*, representado no contexto social e cultural pelo viés **educação/trabalho**.

Correio da Roça: A inserção da mulher no cenário rural da belle époque brasileira

Júlia Lopes de Almeida, interagindo com o contexto histórico e social de sua época, procurou questionar, por meio de suas personagens, a condição feminina de sua época. O caminho percorrido por ela não é só individual, mas pareceu sinalizar um novo percurso a ser trilhado também por outras mulheres na busca de um lugar onde, juntamente com os homens, pudessem usufruir uma melhor equidade entre os sexos. Neste percurso, Júlia Lopes de Almeida tem reconhecimento literário no fim do século XIX e início do século XX na chamada *Belle Époque* carioca.

Na perspectiva alicerçada em educação/trabalho é que analisaremos o livro de Júlia Lopes Correio da Roça (1913), romance estruturado textualmente de forma objetiva, no qual a escritora utilizando uma linguagem simples, com clareza de informações e composição de escrita epistolar exalta a vida simplória e o trabalho no meio rural em detrimento da urbanização presente naquele momento pelo qual o país vivenciava. Este romance foi um marco na obra literária da escritora carioca e que obteve uma ótima aceitação do público que o recebeu como um projeto de mudança do **ser mulher** no fazer agrícola da belle époque e uma alternativa de repensar o êxodo rural que a sociedade brasileira enfrentava nas primeiras décadas do século XX.

Utilizando uma técnica de escrita narrativa, sem tradição na literatura brasileira, que de certa forma vem dá ao texto utilizado pela escritora o tom de confissão e informações necessárias ao enredo da obra Julia Lopes vai beber na fonte literária de outros escritores da literatura universal, no surgimento do romance no século XVII onde o tom intimistas e individuais de produções como cartas, bilhetes, diários são inseridas na trama a fim como elemento de composição textual, mas também com agente de norteador da própria obra, e é assim que nasce o chamado romance epistolar é uma obra que usando-se uma técnica literária que consiste em desenvolver a história principalmente através de cartas, o termo epistolar vem do latim *epistoláris* relativo a carta, ou seja, epístola composição também e utilizada muito conhecida no texto bíblico.

Sabemos que cartas possuem características que trazem em seu teor, e por não ser um texto aberto a vários leitores e sim, seja pelo motivo causador do texto ou pela individualista de interesse restrito que a missiva é, em primeiro momento, restrita (remetente/destinatário), algo de sagrado e confissão e sendo muitas vezes portadoras de palavras que nunca seriam

ditas verbalmente. Ai é que ocorrem outras características que envolvem o texto epistolar, a surpresa, curiosidade e o mistério que ela poderá desvendar ou trazer em conteúdo textual.

No cenário literário universal temos como referencia de missivas que atravessaram séculos e ainda hoje são estudadas e envoltas em mistérios que aguçam o interesse de leitores por desvendar ou conhecer a intimidade do outro , principalmente o que envolve sentimentos recônditos como é o caso das Cartas portuguesa de Soror Mariana Alcoforado, do século XVII, que é uma obra prima da literatura portuguesa que transcendeu os muros da clausura/convento , atravessou países e mares e continuam a nos encantar.

Devemos lembrar também outra obra, pertencente ao romantismo alemão, que não deve se ser esquecido quando se fala de cartas, Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe, de 1774. Cabe ressaltar ainda, no teatro e na sétima arte, a película, inspirado no romance epistolar "As Relações Perigosas", de Choderlos de Laclos (1741-1803), a peça mostra um duelo verbal entre dois cruéis libertinos --interpretados por Isabelle Huppert e Ariel Garcia Valdè, que adaptações para o cinema.

A escritora Julia Lopes de Almeida era uma assídua leitora da revista Chácaras e Quintais (1910-1969) que foi uma dos primeiros periódicos brasileiros a publicar matérias em relação ao campo que apresentava uma produção sobre pequenas propriedades e a vida rural. a revista foi um importante veículo de divulgação de informações técnicas e científicas para o mundo rural brasileiro, com conteúdos leve e produção editorial bem feita para a época. Contava com colaboração de técnicos e cientistas de ensino e pesquisa na área de agropecuária.

As matérias publicadas na revista buscava uma política de produção através da gestão pública com apoio necessário aos produtores rurais para o desenvolvimento agrário brasileiro. A revista foi lançada em 01/01/1910, de propriedade e direção do imigrante italiano conde Amadeu Amadei Barbielline (1877-1955). Sendo que este periódico irá influenciar a autora da belle époque que chega a escrever para a revista agrária primeiramente um conto denominado, O Jardineiro (s/d). E através deste novo cenário de leitores a autora aproveitara estas influências e escreverá um dos seus mais conhecidos romances Correio da Roça que se torna um sucesso de vendas.

A contribuição da autora para a revista foi excelente para o editor e para a escritora, uma vez que serviu como meio de propaganda, pois os textos de Júlia Lopes já eram lidos por

públicos diversos e a revista começa a adentrar em nas leituras que envolvia a mulher leitora que não era seu público alvo, a revista agora alcançava o público masculino e feminino.

A partir do lançamento do livro o público interessado sobre o meio agrícola aumenta de forma vertiginosa, e assim como para referendar o sucesso do livro e o bem que a obra fez para as edições futuras da citada revista, a obra de Júlia Lopes de Almeida segundo Barbielline, editor da revista, o romance servia de um verdadeiro manual de práticas agrícolas e que correspondia a um Ministério, com exagero, de agricultura.

Assim, da revista para o livro do livro pra revista o sucesso se consolida e o mercado editorial de ambos se concretiza de forma unanime. O romance epistolar *Correio da Roça* se torna um fenômeno editorial na época, e narra a história da viúva Maria que ficando em condições precária, restando lhe apenas uma propriedade rural em ruínas, denominada *Remanso*, após o falecimento de seu esposo, e assim se ver obrigada a mudar para o campo com suas filhas moças Joaquina, Cecília, Cordélia e Clara.

Em lugar ermo e isolado, da urbanização, Maria solicita à Fernanda sua amiga algumas notícias sobre o que se passa na cidade em relação a modas e acontecimentos urbanos. Para sua surpresa, a amiga que agora sabe das condições em que vive Maria e as filhas lhe responde que assina a revista *Chácaras e Quintais* e qual suas matérias seriam de grande valia para a viúva e suas filhas. Este romance pautado literalmente na correspondência das duas amigas vem apresentar alternativas de administrar uma propriedade rural através dos ensinamentos presentes nos artigos publicados na citada revista:

Maria,
(...) Sem ser proprietária rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assino uma revista brasileira – *Chácaras e Quintais* – que me dá algumas informações preciosas, as quais, se aceitares meu plano, e irei transmitindo nas minhas cartas, pouco a pouco(...): Fernanda (ALMEIDA, 1913, p.17).

O romance *Correio da Roça* considerado por Julia Lopes como uma de suas melhores obras tem seu enredo estruturado em cartas, postais e bilhetes, somando um total de cinquenta e oito missivas. Missivas estas trocadas entre Maria e Fernanda e as outras entre as outras personagens.

Nesta narrativa Julia Lopes trabalha novamente com a figura da mulher viúva, como usualmente fez em suas obras. Porém desta vez o espaço no qual o enredo é desenvolvido sai do tradicional ambiente urbano que geralmente são características de suas narrativas voltadas para a ansiedade humana, de cunho intimistas que corroem a alma dos seres em

enfrentamentos consigo mesmo e a sociedade patriarcal dos séculos XIX e XX. A autora agora busca desenvolver sua trama em outro espaço, o meio rural, com novos conceitos e preceitos que irão sustentar a narrativa de seu romance em um ambiente agrário.

O enredo embora voltado para o mesmo tema de seus romances, educação e trabalho vêm trabalhar com a mulher em um espaço de tomada de decisão em cumplicidade com informações passadas por outra mulher através de cartas. Missivas estas que vem com propostas de uma tomada de atitude para mudar seu destino de mulher, não somente seu destino, mas de sua prole. Família composta de mulheres que nunca estiveram expostas a situações que estivesse fora do cerne patriarcal, protegidas e com destino já traçados pelo poder do pai.

As cartas com conteúdo, a maioria práticos, trazem novos conceitos de trabalho no setor agrícola, até aquele momento rudimentares no trabalho rural. As correspondências vêm impregnadas de conteúdo, de certa forma didaticamente, que “ensinam” novos métodos e técnicas de trabalhar, administrar e cultivar a terra, isto pelas novas técnicas de manuseio no preparo da propriedade rural.

A correspondência entre as amigas trazem um novo alento para a família urbana, que agora tentar adaptar-se a vida do campo, um novo entendimento e compreensão da realidade faz com que a vida destas mulheres educadas nas melhores escolas da corte busque nos conhecimentos adquiridos no universo escolar é que poderão surgir novas alternativas que serão utilizadas neste momento de incertezas de suas vidas.

Percebe-se que deixando a monotonia de lado e aceitando sua nova realidade e como vivenciá-la de forma diferenciada do hábito tradicional predominantemente no meio rural é que será dado novos rumos em suas vidas e no meio que agora habitam, e são as cartas trazem novos conhecimentos e mudanças comportamentais no viver dos habitantes da fazenda Remanso. Maria e as filhas começam a aplicarem os ensinamentos repassados por Fernanda e vão aos poucos modificando o cenário outrora decadente da estância.

As palavras otimistas e ponderadas contidas nas cartas de Fernanda são fundamentais para modificar o comportamento da família de Maria em relação a sua nova condição do ser mulher em um ambiente até aquele momento estranho a elas. Fernanda invocando as características inatas os conhecimentos já adquiridos de suas destinatárias explicita seu posicionamento em relação ao meio rural:

Acredita que o campo brasileiro será eternamente triste, se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos de carinho, de atividade, de amor à natureza, levando-o assim na esteira da sua inteligência para um futuro melhor. (ALMEIDA, 1913, p. 12).

O discurso Júlia Lopes, centrado na instrução e trabalho já conhecido em outras obras, aparece também neste romance que enaltece a vida no campo, uma vez, que a personagem Fernanda ressalta de forma peculiar e doutrinária a boa instrução das personagens e além da capacidade de vencerem a crise que afetam suas vidas pelo conhecimento e trabalho.

Em suas cartas Fernanda afirma e reitera sempre que o trabalho tem o poder de modificar a vida das pessoas para melhor e se por acaso o grau de instrução escolar for bom à possibilidade de sucesso será maior, e o meio agrícola seria o espaço ideal e ainda desprovido para a aplicação destes conhecimentos e campo profícuo para novas técnicas alicerçadas no saber indissociável, homem/natureza.

O texto epistolar utilizado no romance Julia Lopes aproveita, principalmente as missivas escritas pela personagem Fernanda para fazer um parâmetro entre a vida urbana e rural, uma vez que através da cartas exalta a serenidade e a beleza do campo, onde o homem vive cotidianamente em harmonia com os elementos que fazer parte da natureza em detrimento da vida urbana que viver depende muitas vezes de outros aspectos inerentes a própria vida de seus habitantes. Ambientes díspares onde nem sempre a convivência e qualidade de vida se completa, uma vez que nem sempre estamos propícios aos preceitos que regem estes espaços em sua essência, sejam eles subjetivos ou não.

A colheita: Resultado de Conhecimento/Trabalho

Julia Lopes de Almeida conhecida no contexto literário como uma escritora amena, didática e subserviente aos valores patriarcais da época, Júlia Lopes de Almeida não foi suficientemente entendida, pois, em seu discurso, há provas cabais do quanto ela via os prejuízos causados às mulheres pela educação acanhada e sem brilho, dada às mulheres oitocentistas. Exemplo disso é seu artigo para a revista *A Mensageira* (1899), no qual exalta os ideais feministas, valendo-se, até certo ponto, de um tom irônico para descrever a imagem imposta à mulher:

Dizem que somos débeis (e chegam a convencer-nos) porque somos franzinas, ou porque somos pálidas, ou porque somos tristes! Não se lembram de que tudo isso é efeito de educação mal feita – contra a qual devemos reagir a bem de nossos filhos -, passada no interior da casa, sem exercício, sem convivência, sem jogos, sem

despreocupações de preconceitos, sem estudo bem ordenado, sem viagens, sem variedade, sem alegria enfim! (ALMEIDA, 1987, p. 213).

A trajetória de Júlia Lopes de Almeida esteve muito próxima às questões que mobilizaram a sociedade brasileira na transição dos séculos XIX e XX, como, por exemplo, o acesso das mulheres à escola e à profissionalização, assuntos explorados em seus romances, como *Memórias de Marta* (1889), *A Falência* (1901), *A Intrusa* (1908) e *Correio da Roça* (1913). Ela faz parte de uma reduzida elite de mulheres brasileiras letradas que tentaram, através da educação, valorizar o papel da mulher. Embora não tenha sido fácil, o caminho percorrido por Júlia Lopes foi representativo, levando-se em conta, principalmente, os empecilhos enfrentados naquela época.

A luta de Júlia Lopes de Almeida pela instrução feminina estava ligada ao conhecimento prático, ao engajamento da mulher num universo produtivo e formador da nacionalidade brasileira, descartando alguns comportamentos de caráter tradicionais que revelavam a ociosidade, a inferioridade e, fundamentalmente, o despreparo para a vida social efetiva.

A escritora da chamada belle époque brasileira já apresentava uma preocupação com a questão do meio agrícola e a questão da inserção da mulher em seu ventre fecundo como representação de vida, enfim do feminino, qual da a vida em um eterno rito de passagem e que segundo Herbert de Souza:

“Um dia a vida surgiu na terra. A terra tinha com a vida um cordão umbilical. A vida e a terra. A terra grande e a vida pequena. Inicial. A vida foi crescendo e a terra ficando menor, não pequena. Cercada, a terra virou coisa de alguém, não de todos, não comum. Virou a sorte de alguns e a desgraça de tantos. Na história foi tema de revoltas, revoluções, transformações. A terra e a cerca. A terra e o grande proprietário. A terra e o sem-terra. E a morte.” (HERBERT DE SOUZA. CARTA DA TERRA, OUT/1994).

A pioneira de nossas letras, Júlia Lopes de Almeida, nos traz nas primeiras décadas do século passado, um texto voltado para o elemento terra. Assim o romance *Correio da Roça* com sua estrutura textual epistolar, apresentando característica peculiar de cunho pedagógico que narra a partir de uma tragédia familiar a partir do elemento morte e que a partir dele surge novas vidas pelas mudanças de espaço e características pela mudança comportamental de novo território ainda selvagem na vida de mulheres que sofrem de forma repentina, um tipo de rito de passagem, ou seja, mudanças em sua estrutura familiar e pessoal. Através de missivas com caráter instrucional modificam suas vidas e constroem um novo ideal de viver e

vão além do horizonte destinados a elas pelo sistema patriarcal através de caminhos norteados pela educação/trabalho.

Bibliografia

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

ALMEIDA, J. L. **Correio da Roça**. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

ANTUNIASSI, M. H. R. e MOURA, M. I. **A Revista Chácaras e Quintais e a comunicação rural**. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdalasru2006/17%20GT%20Maria%20Helena%20Rocha%20Antunias%20Dra.Maria%20Isbela%20Gerth%20Landell%20de%20Mou.pdf>>. Acesso em 31 jul. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COSTRUBA, D. A. **CONSELHO ÀS MINHAS AMIGAS**: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896-1906). 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista.

CHARTIER, R. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

EISENHART, V. L. **Primeira-Dama Tropical**: A cidade e o corpo feminino na ficção de Júlia Lopes de Almeida. University of Califórnia, Los Angeles, Mester, v. 35, p. 46-63, 2006.

MENSAGEIRA, A. *Revista literária dedicada à mulher brasileira (1897-1900)*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987 (edição fac-similar, v.1 e 2).

MOREIRA, N. M. de B. **A condição feminina revisitada**: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

MUZI, J. L. C.; ZOLIN, L. O. **Entre a cidade e o remanso, mulheres educadas e trabalhadoras**: a representação da mulher em Correio da Roça de Júlia Lopes de Almeida. Graphos (João Pessoa), v. 14, p. 115-123, 2013.

OLIVEIRA, R. A. **A Escrita de Resistência em Júlia Lopes de Almeida**, A Viúva Simões. (Tese Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2008.

PRIORE, M. D. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
Revista Versus - 08-09/77, por Hélio Goldztein, para o site de Chico Buarque, em 08 de setembro de 1977.

SHARPE, P.. Apresentação. in: ALMEIDA, J. L. **A viúva Simões**. (atualização do texto e introdução por Peggy Sharpe). Florianópolis: Editora Mulheres, Edunisc, 1999. 216p.

VALENTIM, C. A. **O romance epistolar na literatura portuguesa da segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro, 2006.